

APRESENTAÇÃO

Muitos são os motivos para a abertura de um dossiê. Não raras são as edições concebidas em reuniões acadêmicas, racionais desde o nascedouro, visando a um controle discursivo sobre os mais diversos objetos de investigação. Mas outras aparecem com mais espontaneidade, iniciadas no inquieto movimento dos corredores da academia, em calorosas conversas tocadas pelo que o poeta Drummond chamou “o tempo presente”. Posso assegurar que o dossiê “Literatura e Resistência” se enquadra no segundo caso, ou seja, no rol das produções acadêmicas motivadas mais pelos estados de alma do que pelos estados de coisas, como diria o semiótico Claude Zilberberg. Recuando no tempo, ainda me lembro da conversa com Lia Leite, que fazia uma disciplina comigo no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC (PPGLEtras). Nossa conversa era motivada pela perplexidade de nosso tempo, desdobrando-se na ideia de reunir uma crítica literária que, respeitada a epistemologia de cada proposta, fizesse ecoar o dilema de um mundo em crise aguda, campo fértil para a reiteração dos mecanismos ideológicos de controle social. A ideia vingou e começou se organizar no final de 2020, quando a Profa. Ana Márcia Alves Siqueira me convocou para organizar o presente dossiê. Vale lembrar que ela é editora gerente da *Entrelaces*, ao lado dos Profs. Orlando Luiz Araújo e Yuri Brunello, que então coordenava o PPGLEtras.

Mas entre a ideia até a concretização vai uma distância platônica. Distância também geográfica, pois seria importante contar com parcerias para além das fronteiras de uma universidade cunhada sob a insígnia “O universal pelo regional”, frase de Antônio Martins Filho, seu fundador. E assim se fez. Os primeiros contatos foram a Profa. Débora de Souza, da Universidade Federal da Bahia, apresentada pela Profa. Ana Márcia, e o Prof. Matthew Pettway, da University of South Alabama. Ambos têm forte identificação com o tema – Literatura e Resistência – e, guardadas as distâncias geográficas, mantêm laços de colaboração com o PPGLEtras.

Lançada a chamada para publicações, as editoras-chefes Francisca Kellyane Cunha Pereira e Licilange Gomes Alves, além de Amanda Jéssica

Ferreira Moura, editora-assistente, coordenaram um intenso trabalho de recepção dos originais, contato com pareceristas, até chegarem a uma primeira lista de textos. Dessa seleção prévia é que contei com a criteriosa participação da Profa. Débora de Souza e do Prof. Matthew Pettway para chegar a um conjunto de trabalhos que certamente vem trazer respostas consistentes à demanda original deste número da *Entrelaces*.

Procurando não tirar o prazer da leitura, vou aqui folheando (eletronicamente) esta edição, começando não exatamente com os artigos, mas com uma palestra e uma entrevista.

Por sua plena identidade temática, verdadeiramente premonitória para este dossiê, foi publicada a palestra intitulada “Literatura Cubana na Era da Insurreição Negra: Manzano, Plácido e Religião Afro-Latina”², que o Prof. Matthew Pettway proferiu no dia 19 de setembro de 2019, em aula inaugural do período letivo do PPGLetras. A tradução ficou a cargo de Ricelly Jáder Bezerra da Silva e Kamila Moreira de Oliveira. O texto da palestra faz uma atenta leitura do soneto “O Juramento” (1840), do poeta afro-cubano Gabriel de la Concepción Valdés, conhecido com Plácido. É uma poesia que se desdobra numa práxis de resistência política. Dentre as muitas revelações do seu texto, chamou minha atenção esta frase do Prof. Matthew Pettway, que mostra como o que se passou em Cuba serve de espelho a todas as sociedades americanas onde houve o estatuto da escravidão: “Sociedades escravocratas morrem, mas não desaparecem; elas não se decompõem. Antigas sociedades escravagistas trocam uma estrutura de legitimidade por outra.” É impressionante a atualidade dessa frase. São os ecos do passado respondendo às urgentes demandas do “tempo presente”.

Já a entrevista foi concedida por meio eletrônico pela antropóloga Kate Crehan, professora emérita da City University of New York, ao Prof. Yuri Brunello e à doutoranda Licilange Alves. Com ampla contribuição acadêmica, em grande parte fundamentada na obra de Antonio Gramsci, a Profa. Kate Crehan fala sobre seu livro *Community Art: An Anthropological Perspective*, de 2011, em

2 Disponível em: <<https://ppglettras.ufc.br/es/conferencia-de-matthew-pettway-profesor-de-la-south-alabama-uh-niversity-y-nuevo-colaborador-del-ppglettras-ufc-para-el-maine-humanities-council-sobre-gabriel-garcia-marquez/>>

que discute temas como o problema do acesso da classe trabalhadora ao consumo da arte.

Quanto aos artigos, a edição foi prestigiada por colaborações de além-mar – provenientes de prestigiadas universidades, como a Universidade Católica Portuguesa, a Universidade de Évora, a Universidade da Beira Interior e a Universidade Nova de Lisboa. De centros de pesquisa do Brasil, chegaram trabalhos de quase todas as regiões: Universidade Estadual do Piauí, Instituto Federal de Alagoas; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade de São Paulo; Universidade Estadual de Santa Cruz, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade Tecnológica Federal do Paraná; Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Mas há também fronteiras múltiplas, expressão que tomo do Prof. Benjamin Abdala Júnior, sobretudo no que diz respeito à configuração discursiva suscitada pelo dossiê, tantas foram as variantes formuladas em torno do conceito de *resistência literária*. Cada abordagem constrói uma linha de sentido, fazendo jus ao nome do periódico.

Em *As gavetas nunca estiveram vazias: ditadura militar, escrita e resistência em Essa Terra*, de Antônio Torres, Vanusia Amorim Pereira dos Santos e Susana Souto Silva estudam a resistência autoral durante o regime militar brasileiro, numa obra que trata do problema da migração.

No artigo *Fear, hope and the aesthetic act: metafictional devices in Philip K. Dick's The man in the high castle*, Eduardo Prado Cardoso considera aspectos distópicos em *The man in the high castle*, de PKD, como o autor norte-americano também era chamado. Nesse romance, lançado em 1962, opera-se uma tenebrosa inversão ficcional da Segunda Guerra Mundial (sabendo-se que a História não tem “se”...), assumindo-se a hipótese de um mundo dominado pelas forças do Eixo.

Em *O devir travesti do mundo: O projeto político-literário de Pedro Lemebel em Loco Afán*, Victor Augusto da Cruz Pacheco propõe uma discussão sobre como a resistência se desloca para a relação entre gênero e repressão política no âmbito da literatura chilena.

Cinema, música e literatura recebem a análise comparativa de *Palavras, cenas e melodias: o crespo que tece histórias e resistências*, de Maria

do Carmo Moreira de Carvalho, Rosy dos Santos Lima e Sara Regina de Oliveira Lima. Nesta abordagem, o sentido da resistência ganha o corpo negro feminino, num questionamento da identidade estética numa sociedade machista.

A resistência abrange a crítica pós-colonial em *Ruptura e desconstrução do discurso colonial no romance de Manuel dos Santos Lima*, artigo de Francisco Daniel e Cristina da Costa Vieira. Dois romances da autoria de um dos fundadores do MPLA, obras separadas pelo lapso de dez anos, são colocados em cotejo quanto à construção ideológica do discurso literário angolano.

Já em *Autognose pátria no romance Directa*, de Nuno Bragança, de Carlos Conte Neto, a resistência literária se desloca para Portugal. Aqui, a ficção coloca em exame o próprio sentido histórico da sociedade portuguesa, marcada pela tensão entre o autoritarismo fascista e o espírito insurgente, proposta em tudo congruente com a vivência pessoal de um autor de ascendência nobre, mas identificado com o catolicismo revolucionário.

Não faltou entre as contribuições o difícil problema do texto literário como objeto de ensino. No artigo *Literatura e Desentendimento: reflexões sobre a resistência da literatura contra a BNCC a partir de Benjamin e de Rancière*, o assunto ganha notas críticas na apreciação da Base Nacional Comum Curricular, cujo discurso cederia às manipulações contratuais do capitalismo, com sacrifício da literatura enquanto objeto de sensibilização.

Abordando a questão feminina numa formulação ficcional distópica, o artigo *Mulheres sob controle: uma análise do cerceamento da linguagem feminina em Vox*, de Christina Dalcher, da autoria de Isabela Godarth Zanotto e Mariese Ribas Stankiewicz, investiga o romance norte-americano contemporâneo de autoria feminina. O trabalho, apoiado em Michel Foucault e Michelle Perrot, focaliza o silenciamento imposto à mulher pela herança patriarcal.

Outra contribuição instigante e bastante atual é *O sonho da ideologia produz monstros: desumanização em Men against fire, Black Mirror*, de Sergio Schargel, que dedica sua pesquisa a um dos mais impactantes seriados de TV (com seus múltiplos suportes), produção britânica de uma ficção científica que, sob a figuratividade do futuro distópico, denuncia o monstro ideológico fascista, sempre ávido de desumanização.

O trabalho de Maria Felicidade Penha Lacerda desloca a academia para a periferia urbana brasileira, no estudo do gênero canção. Na proposta do artigo *O uso das metáforas em “Negro drama”, de Racionais Mc: estratégia para a construção de uma identidade positiva para os negros brasileiros moradores da periferia*, baseado na concepção metafórica de George Lakoff e Mark Johnson, percebe-se a estratégia retórica de valorização da identidade negra como práxis poética de resistência.

Certamente sincronizado com as comemorações do bicentenário do parceiro intelectual de Marx e do centenário da autora de *A hora da estrela*, o artigo *Tipicidade e realismo em Engels e três exemplos da literatura brasileira*, de Rogério Rufino de Oliveira, Luís Eustáquio Soares e El-Buainin Vieira Machado Nunes, aplica o conceito materialista histórico e dialético de *realismo*, empregando-o como categoria analítica em três gêneros discursivos – a canção, o conto e a novela –, contemplando respectivamente três ícones da cultura brasileira: Chico Buarque, Guimarães Rosa e Clarice Lispector.

Enfim, não faltou a resenha, representada em *Ancestralidade contemporânea em Black Brecht*, de Dione Carlos, colaboração de Edson Santos Silva. É o espaço do teatro de resistência, que faz reviver o mestre alemão em novas cores, trazido para as demandas do já lembrado “tempo presente”, tempo, aliás, que transcende a aceção denotativa da cronologia, tripartindo-se em “tempo dos vivos”, “tempo dos mortos” e “tempo dos não nascidos”, até porque não faz sentido uma resistência sem a esperança histórica de desmonte dos mecanismos de opressão.

Restam palavras de agradecimento a um trabalho somente possível pelo empenho de muitas mãos. Sim, cada número da *Entrelaces* é sempre o resultado do trabalho de mãos que se solidarizam na resistência cultural em tempos sombrios, mãos que entrelaçam os fios dos mais diversos percursos de leitura do texto literário.

Que este dossiê, inspirado na resistência literária, suscite um futuro mais utópico do que distópico.

Prof. Dr. José Leite Jr.